

É NATAL  
na CASA!



ARTURO CATUNDA  
CRIS CASAGRANDE

GUSTAVO D'AMICO

MAYANNA VELAME  
SIMONE L. GENARI



# EDITORIAL

É com imensa alegria que apresentamos a nossa primeira revista digital de Natal, disponibilizada para download gratuito em nosso site e preparada especialmente para apresentar os leitores!

Trazemos contos inéditos, escritos pelos nosso autores em ocasião dos festejos natalinos, com o intuito de fazê-lo entrar nos clima dos festejos da melhor forma possível, através da emoção, do contentamento e da reflexão.

Obrigado pela leitura!

Obrigado por mais um ano com a CASA!



**LÍVIO MEIRELES CAPELETO**  
GESTOR DA CASA PROJETOS LITERÁRIOS

# FELIZ NATAL!

# ÍNDICE

<b>2</b> EDITORIAL E ÍNDICE	<b>12</b> ESTRELA DE BELÉM
<b>3</b> O NATAL DE MAX	<b>15</b> UMA VISITA INESPERADA
<b>8</b> TRADIÇÕES DE NATAL	<b>26</b> O ÚLTIMO ROBÔ GIGANTE



**DESIGN:** JACQUELINE FLORES



# O NATAL DE MAX

ARTURO CATUNDA

Olhando o horizonte de prédios, casas, ruas e carros, uma pequena ave, que sobrevoava a cidade, notou os fundos de uma residência. Não era um quintal qualquer. Lá havia um cão que parecia estar triste. Bem triste, mesmo.

Curiosa, a ave sobrevoou várias vezes aquele local e resolveu pousar na ponta da cumeeira do telhado – lá onde geralmente fica a coruja.

Tão triste estava o cachorro que não teve nem o trabalho e nem o interesse de olhar para cima, para ver quem era a criatura curiosa que o observava.

- Ei... você aí embaixo! – piou, a ave.

O cão nem deu atenção.

- Ei... não vai latir para mim? Nunca vi um cachorro que não latisse para mim. Sempre latem – insistiu.

O cachorro balbuciou algo incompreensível e se virou, mergulhando no tédio.

- Por que está tão triste? – perguntou a ave, voando e pousando, dessa vez, em frente ao cachorro.





- É que amanhã é dia de Natal... – respondeu, enfim, o cachorro.
- Sim... por isso estou aqui!
- Não entendi – disse, o cachorro. – Você está aqui por causa do Natal?
- Não... não. Estou aqui porque de onde eu venho faz muuuito frio! Frio de congelar!
- De onde você vem? – interessou-se pela conversa, o cão.
- Venho lá da América do Norte. Lá está nevando! Muito frio, sabe?
- Você veio voando de lá para cá?
- Sim, sou uma ave migratória. Meu nome é Matilde! Muito prazer!
- Que incrível! Eu me chamo Max. Adoraria passar o Natal em um local que nevasse, sabe? Assim como a gente vê nos filmes! A neve caindo lá fora e a lareira acesa com a família toda reunida em torno dela...



- É muito bonito nos filmes – disse, Matilde. – Mas, para quem não está dentro de casa, com lareira e agasalho é muuuito frio. Frio demais! Por isso, todos os anos, nessa época, eu prefiro viajar para o Brasil. Curtir uma praia e me esquentar com o calor do sol! Deixo

o frio para os ursos – riu, Matilde.

Max voltou a abaixar a cabeça, entristecido.

- O que foi? Disse algo de errado? – perguntou preocupada, Matilde.





- Assim como você falou, fiquei imaginando os meus amigos do parque. Coitados... iriam passar muito frio se por aqui nevasse igual ocorre lá.

- De fato – concordou, Matilde. – O inverno é cruel para quem mora nas ruas, nas praças e nos parques. Ainda bem que por aqui não neva, não é? Mas, sobre seus amigos... por que você não me conta um pouco sobre eles?

Max animou-se novamente e começou a contar sua história. Falou que um dia foi passear com a família e se perdeu no Parque da Cidade. Por sorte, encontrou bons amigos, entre eles um sagui chamado Teobaldo, um urubu chamado Amaral e, o que ele mais gosta, um cachorrinho muito esperto chamado Biriba. Também falou das aventuras e dos perigos que correu. De como escapou da gangue de cachorros do Rolifield e das garras da malvada gata Natasha.

- Minha nossa! Pensei que eu tivesse coisas para contar de minhas viagens. Mas, você já passou por muitas aventuras. E onde estão seus amigos agora?

- Devem estar no Parque. Eu é que não posso mais sair de casa. Está vendo? – Max apontou desapontado para o enorme cadeado que fechava o portão.

- Entendi, você não pode mais sair. Por isso você está triste. Veja por outro lado, sua família não quer que você se perca novamente.

- É... eu entendo.





- Pelo menos você se animou um pouco com nossa conversa. Eu vou indo...

- Já vai?

- Infelizmente... minha jornada é longa... – Matilde bateu asas e voou, enquanto Max voltou a ficar cabisbaixo.

No dia de Natal, Max escutou um barulho estranho no quintal. Como sempre, correu para lá já latindo para espantar qualquer gato intruso, mas se deparou com o inimaginável. Lá estavam Biriba, Teobaldo, Amaral e Matilde. Depois da conversa que tiveram, Matilde foi ao Parque da Cidade e conheceu Biriba. Logo, fizeram um plano para visitar Max. Falaram com Amaral, que topou o desafio. Teobaldo foi forçado a ir, pois não gostava da ideia de voar pendurado em Amaral. Mas, veio mesmo assim.



- Tchan-ran! – disse, Biriba, balançando o rabo e com um sorriso de orelha a orelha.

- Quem é vivo sempre aparece – disse, Teobaldo, com ar sabichão.

- Oh, Max... – falou Amaral. - Será que tem um lanchinho de Natal por aí? – riu.

- Pessoal! Não acredito! Vocês aqui! – agitou-se, Max, balançando o rabo em pura alegria.

E assim passaram aquele dia, matando a saudade e contando as histórias.





Na hora de despedida, Amaral prometeu fazer mais vezes aquela aventura, pois a ideia de Matilde foi muito boa. Max prometeu sempre guardar alguma comida para o Amaral. Biriba elaborou um plano para que Max também fosse visitar o Parque. Teobaldo é que, com receio da habilidade de voo de Amaral, disse que iria construir um paraquedas. Todos riram.

- Está vendo Max – falou, Matilde, antes de ir embora. – Um Natal não é feito de neve, lareira ou Papai Noel. Um bom Natal é feito de afeto, amizade e família. ★



## ARTURO CATUNDA

NATURAL DE CAMPINA GRANDE/PB, ARTURO CATUNDA É ADMINISTRADOR E DOUTOR EM EDUCAÇÃO PELA UFBA, ATUANDO EM ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS. É AUTOR DOS LIVROS: "AS AVENTURAS DE MAX E BIRIBA". "O PAPAFIGO", "ANGÉLICA NEGRA", "O GATO E A LUA".





# TRADIÇÕES DE NATAL

CRIS CASAGRANDE

É o melhor dia do ano. O dia em que a gente se arruma para ficar na sala e lavar a louça do jantar.

Lembro vagamente de um ano em que eu estava do lado de fora da casa da vó, em um vestido de tafetá bordô, correndo pelas lajotas. A brisa fresca e o calor gostoso do início do verão se misturavam, fechando com chave de ouro mais uma daquelas datas comemorativas, antes de eu e meus irmãos entrarmos no banco de trás do carro e dormirmos até chegar em casa.

Teve outro ano em que eu fiquei imensamente feliz por ter ganhado uma espécie de prendedor da Minnie. Tão pequenino, mas me fez sentir tão especial que eu não larguei desde o momento em que recebi a pequena caixinha. Não faço ideia de onde foi parar.

A farofa com ovos e bacon já era presente em quase todas as reuniões de família, mas aí começou a vir o estrogonofe e, finalmente,

a maravilhosa lasanha de camarão (que o meu irmão acreditava que era a minha mãe que fazia). Ainda encomendamos esta, mas a divisão tem um denominador menor (pelo menos assim sobra mais para mim).







Aí os netinhos foram crescendo. Sentar no sofá e mexer no celular virou rotina, e nada de diferente, mesmo naquela noite especial. Era bonito ouvir a menina vestida de anjo cantar “Noite Feliz” no alto da igreja. Um respiro dentro da celebração no lugar extremamente apertado e quente (mas eu até gosto da missa do Natal. É melhor que a de Páscoa, pelo menos).

Amigo secreto virou obrigação, e ninguém mais tinha saco para isso. Esperava mesmo era pelo cheque que o vô dava no silêncio. Ele, para quem era tão difícil dar presentes, dava o que eu mais gostava (o meu ascendente é em capricórnio, não me julgue).

Aí o Pedro e a Helena nasceram, e todo mundo corria agarrá-los quando eles chegaram, afinal, eram uma fofura.

Veio o tal do Amigo da Onça, que era mais divertido, mas a nova casa da vó, que eu gostava de fingir que era um castelo, simplesmente não era aconchegante.

As fotos na escada ficavam bonitas, mas eu já estava meio velha para brincar na frente dos outros, mesmo que ainda quisesse ser uma princesa por alguns momentos. Aí veio a ruptura e foi cada um para um lado. No primeiro ano, nos juntamos à família do irmão do meu pai, mas

a falta de educação da filha mais nova dele foi demais para a minha mãe, que cansou de se esforçar em uma ceia só para ouvir reclamação.





A irmã mais nova da minha mãe nunca passou a véspera conosco, por mais que convidássemos.

Não vejo mais muita graça. Teve um ano em que o meu irmão pediu para assistirmos a “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban”, mas eu dormi logo no começo. No ano passado pedi para assistirmos o seguinte, do cálice de fogo, mas ele dormiu na metade.

Os joguinhos personalizados que eu crio me dão uma alegria, pois geram uma conexão entre nós mesmos e nossos detalhes, nossa história. Infelizmente, ninguém se anima como eu, tanto que nem preparei nada no ano passado (mas jogamos o jogo do chapéu, e realmente foi divertido).

Já passamos o feriado em diferentes lugares: em uma pousada beira mar, na cidade mais natalina do Brasil ou simplesmente no apartamento da praia (para emendar com o Ano Novo que, apesar de ter novidade no nome, é sempre igual e foi realmente excitante apenas uma vez, quando enfiei uma peça preta no look branco).

É legal, mas não é tudo que deveria ser.

Estou à procura de novas tradições, mas minha família não entra muito nesse barco...

Coitados dos meus futuros filhos, que terão que usar pijamas combinando, cantar musiquinhas, assistir “Klaus” e jogar os jogos que eu inventar. Se tudo der certo, eles vão gostar também (pelo menos até virarem pré-adolescentes).







É gostoso tê-los por perto e ver a evolução de cada um (sempre muito maior que a minha). Encomendar a ceia é bom, porque dá menos trabalho, mas nem sempre é deliciosa e tem coisa para lavar e guardar no final de qualquer jeito.

Não costumo ganhar nada no dia, e a reação dos outros a serem presenteados nem é grande coisa (minha mãe compra os próprios presentes e só nos manda a conta, e presente de homem é sempre sem graça).

Hoje em dia nem mesmo gosto de decorar a casa.

Não tem mais nada que tenha “cara de Natal”, mas eu pretendo continuar me esforçando para encontrar algo para chamar de tradição. Pode ser só minha, posso passar para frente se me tornar mãe, ou posso enterrar no fundo do meu peito e carregar para o outro lado, o importante é garantir que volte a ser o melhor dia do ano. O perigo real é dezembro perder a graça totalmente (já nem comemoro direito meu aniversário), mas se São Pedro parar de gracinha e deixar o Sol aparecer para eu poder abandonar os casacos, vai dar tudo certo.★

## CRIS CASAGRANDE

CRIS CASAGRANDE NASCEU NO ANO DE 1999 EM FRANCISCO BELTRÃO/PR. CRESCERAM EM PATO BRANCO/PR. GRADUOU-SE EM PORTUGUÊS/INGLÊS. É AUTORA DA TRILOGIA “QUERIDA ALICE”, “CAROLINA” “PARA CADA NOME, UMA HISTÓRIA”, EDITORA APPRIS, “CARTAS A UM (DES)CONHECIDO”, EDITORA MADREPÉROLA, E “LETTERS TO SOMEBODY (I USED TO KNOW)”, WEBBOOK PUBLISHING.





# ESTRELA DE BELÉM

MAYANNA VEIAME

Ventava úmido, naquele início de entardecer. O cheiro das águas turvas do rio Negro, se impregnavam nas narinas de Natanael. O jovem de corpo franzino e temperamento acanhado, dizia adeus para a pequena comunidade de Ribeirinho da Mata. No cais, do porto improvisado, o barco Estrela de Belém se preparava para partir.

Na embarcação haviam poucos passageiros. Era véspera de Natal, de um dezembro amazônico. A tripulação enrubescida, pouco parecia se importar. Mas Natanael, não se combalia com a falta de recíproca. Aproveitou o convés quase vazio e armou sua rede.

Dentro do coração, residiam ilhas, que precisavam ser habitadas, pelos seus sonhos.

Chegar a Manaus era o maior desejo e tal expectativa, causava banzeiros, nos seus mais íntimos sentimentos.

Natanael pensou em pedir ajuda a Deus, pois sabia que a vida em Manaus, seria de severa estiagem, como no verão. A capital do

Mormaço estava à sua espera, pronta para lhe fazer flamejar as têmporas. A divagar entre tantos pensamentos, sua distração foi sendo







dissipada, pelas insistentes ferroadas dos carapanãs. Natanael só queria uma vida melhor, distante das limitações do interior e da escassez de oportunidades. Seu destino, se iniciava ali, em meio à solidão da floresta e a bordo do Estrela de Belém.

O barco sulcava o Negro, que se irmanava com a escuridão da noite. O Estrela de Belém trilhava os caminhos das águas, enquanto Natanael recebia no rosto de poucos pelos, a brisa fluvial. Para se evadir, do lado mais esquivo de toda sua viagem, Natanael resolveu caminhar pelos corredores da embarcação, numa breve tentativa de ludibriar as horas e os seus próprios desenganos.

Recostou-se contra um dos parapeitos e esquadrinhou toda a arquitetura do navio. O que Natanael não sabia, é que ele próprio também estava sendo observado. Sentado sobre o assoalho de madeira, um casal repousou seus olhos no rapaz.



Natanael estranhou a devida atitude e sem jeito, buscou desviar seu olhar. O homem segurava a mão da esposa — que apresentava alguns meses de gravidez. Natanael não sabia da proveniência daquela família. Não se recordava de tê-la visto no embarque e muitos menos

em sua comunidade. Seus traços lembravam serem oriundos de alguma terra estrangeira — retirantes em busca das boas novas, em solo manauara.





A viagem prosseguia e a madrugada se aproximava com sua mudez. Natanael voltou para sua rede, embriagado pelo sono, que resolvera lhe visitar. Adormeceu sereno e após algumas horas, despertou.

Para o espanto de Natanael, os motores do Estrela de Belém estavam todos paralisados.

O barco se tornou um objeto solto e vago, sobre as profundas águas do Negro. Natanael tentava compreender o que estava acontecendo, mas um intenso breu, decaiu diante de seus olhos. Examinando o chão, tomou sua única bagagem e a colocou sobre suas costas. Nessa ocasião, o luar, embora inibido, contornava as silhuetas das árvores, enraizadas do outro lado da margem.

O Estrela de Belém oscilava, marolinhas iam e vinham na sinfonia daquele momento.

Nessa altura, as mãos de Natanael buscavam se segurar, entre os baluartes do navio.

Com o estômago revirado, caminhava contrito, a sentir o desconforto do abandono. Não havia mais a tripulação, passageiros, ou seja lá quem fosse. Natanael era o único indivíduo restante.

Naquele átimo, ele pouco conseguia raciocinar.

Existia apenas o manto do assombro...

Na sua desesperança, quando seu corpo se inclinava ao iminente fim.







Natanael avistou o piscar de uma luz dourada, presente na do Estrela de Belém.

“Luz para meus caminhos...”, refletiu Natanael.

O jovem não pensou duas vezes, na sua insistência, perseguiu os feixes de luz, que clareavam o chão. Natanael tateava em cautela, os peitoris da varanda do navio. Qualquer descuido e o encontro com o Negro seria inevitável. Porém, o medo se fragmentava, parecia ser imergido pelo lado mais obscuro das águas.

A luz áurea aumentava seu fulgor, à medida que Natanael ritmava seus passos. Um calor extremo começou a possuir seus poros, Natanael transpirava e o suor batizava sua fronte. Com o coração em chamas, Natanael ajoelhou-se diante de um bebê, envolvido em folhas de bananeiras. Natanael pouco podia ver sua feição, uma cintilância o impedia disso. Comovido, deitou sua bagagem e de lá retirou um pacote de pães e o ofertou ao pequeno ser...

O Estrela de Belém acionou sua buzina. Natanael se assustou e viu seu corpo cair da rede, feito um saco de adubo. Um marinheiro se compadeceu e correu para ajudá-lo. Zonzo, Natanael perguntou pela criança, vista na última noite. “Senhor, não havia qualquer criança a bordo, na verdade, essa viagem foi bem tranquila...

Sem grávidas e com poucas mulheres. Feliz Natal para você! ”







O tripulante sorriu e seguiu para arrumar os salva-vidas. Rente à plataforma do porto de Manaus, a metrópole se mostrava, no alvorecer que regia os primeiros cantos dos pássaros. Ao desembarcar, Natanael procurou pela família, que tanto lhe vigiou durante a viagem. Já no cais, contemplou o Estrela de Belém, ancorado em sua soberania. Em passos curtos e faminto, sentou-se num banco, próximo ao Mercado Municipal.

Da sua bagagem, buscou retirar seu pacote de pães, mas ele já não estava lá. Todavia, seu susto não duraria tanto, um estivador de cabelos cheios e barba cerrada, aconchegou-se diante de Natanael e lhe entregou uma sacola de mantimentos.

Abismado, Natanael não soube como lhe recompensar. Apenas viu o homem desaparecer, entre as escadarias do píer.

Natanael deixou a sacola sobre o banco e se colocou a admirar o Negro. No céu, o crepúsculo ainda abrigava o cintilar de uma estrela. Ela não era de Belém e muito menos do Oriente, mas estava ali, pronta para guiar todos os Josés e Marias do mundo. ★

## MAYANNA VELAME

MAYANNA VELAME NASCEU EM MANAUS EM 1983. É FORMADA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA, PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. IDEALIZOU O PROJETO EDUCACIONAL PORTUGUÊS AMOROSO. É AUTORA DOS LIVROS “PORTUGUÊS AMOROSO VOL 1 E VOL 2”, EDITORA MADREPÉROLA, E “CACTOS E TUBARÕES”, EDITORA LITTERALUX.





# UMA VISTA INESPERADA

SIMONE L. GENARI

- O papai disse a vovó que este Natal vai ser um pouco diferente... Disse que não vai ter peru, nem panetone na ceia. Por que, mamãe?

Sara, esboçou um ar de indignação, enquanto esperava uma resposta da mãe. Andavam de mãos dadas, num passo apressado, pois em pouco tempo a mercearia do bairro estaria prestes a fechar. Eram quase dez horas da noite, e apesar do burburinho dos preparativos típicos da véspera de Natal, a maioria das pessoas já estava em casa com seus familiares.

Mas Maria, em especial neste ano, não teve muito tempo para preparar uma ceia, se é que poderia chamar de ceia... João, seu marido, acabara de sofrer um AVC que afetou a sua capacidade de locomoção: andava e falava com dificuldade, mas o pior foi o fato de que perdera praticamente a mobilidade total da mão direita.

Assim, se viu obrigado a cancelar seus serviços de marcenaria previstos para o final de ano.

Para garantir as despesas de casa, Maria que trabalhava como diarista, acabou pegando umas faxinas extras em período noturno de uma empresa, pelo menos temporariamente.







Naquele dia em especial, havia saído um pouco mais cedo, mas só teve tempo de passar em casa, tomar um banho rápido e sair correndo com Sara para comprar pelo menos alguns itens a fim de garantir uma ceia simples, porém digna, para a família.

- Os perus estão em falta, Sara! Mas te garanto que vamos comprar um frango tão grande, que você não vai notar a diferença!

- Eu não ligo muito para o peru, mas queria muito um panetone...daqueles com bolinhas de chocolate no recheio, igual ao do ano passado!

- Hum ...quem liga para panetone, quando vamos ter um bolo de chocolate delicioso preparado pelas mãos mágicas da vovó?

- Mas eu já comi bolo de chocolate no meu aniversário, e isso foi na semana passada!

Sara que acabara de completar sete anos, fez um beicinho contrariada, enquanto a mãe pedia para ela acelerar o passo.



Não gostava nada da ideia de fazer aniversário tão próximo ao Natal, porque seus amigos de escola sempre estavam aproveitando as férias viajando com a família e nunca compareciam às suas festinhas. E também tinha o fato de que, diferente das outras crianças que

o Papai Noel sempre insistia em dar um presente único de Natal e aniversário.





Entraram na mercearia e Maria pegou um refrigerante de dois litros, algumas batatas, tomates, cebolas, um pacote de arroz, um detergente, e um frango na sessão de congelados. Torceu para que Sara não percebesse a grande quantidade de cartazes sobre perus em ofertas, mas a garota estava distraída olhando para a pilha de panetones. Maria então deu um suspiro e apesar de achar que os preços estavam proibitivos, não resistiu e pegou um panetone com gotas de chocolate para a alegria da menina, que enlaçou a mãe e a encheu de beijos.

A conta foi maior do que Maria havia previsto, ela e José haviam combinado de economizar ao máximo neste final de ano, mas a pequena extravagância, foi compensada pelo sorriso da filha.

Tão logo saíram, as portas da mercearia se fecharam, a rua estava agora completamente deserta e na correria para chegar em casa o quanto antes, Maria tropeçou, caiu na calçada e o impacto da queda fez a sacola de plástico com as compras se romper. O detergente estourou, e as batatas rolaram até o meio fio da calçada, atingindo uma poça lamacenta. Maria se levantou rápido, apenas seus joelhos estavam ralados, mas ela sentiu vontade de chorar de cansaço e frustração. A poça era tão suja que não teve coragem de pegar as batatas e a agora com a sacola rompida, estava







tentando se equilibrar para carregar as compras.

-Você está bem, mamãe?

- Sim estou, mas como vamos levar as compras...disse pensando numa solução. Enquanto limpava a saia, não percebeu a presença de um homem alto, de aparência jovem, cabelos castanhos e barba aparada, vestindo uma jaqueta bege, jeans, e um tênis bem surrado. Assim que notou a sua presença, assustada, colocou a mão sobre o peito de Sara, querendo proteger a filha.

- Não se assuste, eu só quero ajudá-la! O moço então, recolheu alguns itens que ainda estavam no chão, e improvisou uma sacola com a sua jaqueta, amarrando os braços da peça, de forma a conseguir carregar quase toda a compra, exceto o panetone que estava nas mãos de Sara.

Maria agradecida, aceitou a ajuda, e assim caminharam os três por vários quarteirões até chegarem em casa. No trajeto, Sara disparava uma série de perguntas a seu respeito, aos quais o moço respondia com paciência e bom humor.



Soube que se chamava João Carlos, mas todo mundo o chamava de João ou J.C. Assim que chegaram ao portão de casa, Sara perguntou se ele passaria o Natal com a família, mas ele respondeu, de forma serena, que não tinha familiares

na cidade e então passaria sozinho. Ao se despedir de ambas, a menina apertou a mão da mãe e lançou um olhar





Maria suspirou e captando a mensagem da filha, convidou-o a entrar e a participar da ceia. João foi um pouco resistente não querendo atrapalhar o momento em família, mas depois da insistência de Sara, aceitou o convite.

Ao entrar na pequena casa térrea com um jardim frontal, reparou logo na entrada uma casinha de bonecas de madeira, ou melhor o que sobrou de uma casinha, cujo telhado estava completamente destruído, além da aparência devastada do jardim com um grande buraco e a terra revirada ao redor.

- Ah por conta da tempestade de ontem, o pinheiro do nosso jardim caiu sobre a casinha que meu marido tinha feito para a Sara... A prefeitura retirou a árvore logo cedo, mas ainda não tivemos tempo de arrumar as coisas, e a casinha pelo jeito, vai demorar um pouco para ser consertada...

Sara lançou um olhar triste aos destroços da casinha, e João perguntou de forma carinhosa, se ajoelhando na altura da menina:

- Está triste porque suas bonecas agora vão ficar sem se abrigar?

- Sim, minhas bonecas estão dormindo no meu quarto, mas também fiquei triste porque o pinheiro estava lindo com enfeites e luzinhas, era a nossa árvore de Natal.







- Acho que a casinha pode ser consertada, quem sabe depois da ceia eu consiga dar uma olhada.

Entraram os três em casa, diante da reação de espanto de João e sua mãe Dona Dalva, que logo foram tranquilizados por Maria, explicando o infortúnio da queda e das compras espalhadas, e como João havia sido gentil em carregá-las.

Dona Dalva voltou ao fogão acompanhada por Maria para assarem o frango e terminarem um risoto, mas desta vez, sem o acompanhamento das batatas.

Enquanto as mulheres preparavam a ceia na cozinha, João se aproximou de José e conversaram por um bom tempo. José, sempre muito sério, se desarmou ao saber que João também já havia trabalhado com carpintaria e marcenaria e até chegou a oferecer sua oficina que estava temporariamente fechada, coisa que João recusou agradecido, pois estava na cidade apenas de passagem. Depois, João passou um tempo brincando com Sara, e aproveitou para consertar algumas de suas bonecas e brinquedos quebrados.

Enquanto consertava o braço de uma boneca, percebeu um pequeno presépio na mesinha lateral, com um anjo de gesso e asa quebrada, fixado na parede, e perguntou à Sara: - Onde está o menino Jesus desse presépio?

- Ora João, você não sabe?

Ele ainda não nasceu! A gente espera até meia-noite para colocar o menino Jesus na manjedoura!







João concordou com Sara abrindo um largo sorriso, e percebeu que na verdade já era quase meia noite, quando Maria e Dona Dalva arrumavam a mesa na minúscula, porém acolhedora cozinha. A ceia era muito simples, mas o cheiro do frango assado, acompanhado do risoto bem temperado despertou as memórias mais afetivas em João.

Assim, que o cuco do relógio de madeira na sala cantarolou doze vezes, todos se abraçaram carinhosamente desejando um Feliz Natal, e obviamente João não ficou de fora dos cumprimentos. Há muito tempo ele não se sentia tão acolhido.

Sara então, correu e abriu a porta do armário, retirou o menino Jesus de gesso cuidadosamente embrulhado em um papel de seda, beijou-o e colocou na manjedoura, dizendo:

- Agora sim João, venha ver!

Antes de sentarem-se à mesa, Dona Dalva rezou um Pai Nosso, como tradicionalmente faziam antes da ceia. João então aproveitou a deixa para agradecer à família pela acolhida e emendou uma breve, mas comovente oração, que arrancou lágrimas de Maria.

- João, quem te ensinou essa oração?

- Perguntou Sara olhando embevecida, o seu novo amigo.

- Meu pai, Sara!

Sentaram-se à mesa, e após a ceia, Maria não conseguiu segurar o ímpeto de Sara,







que havia devorado a comida, ansiosa para abrir o panetone. João ajudou a retirar os pratos da mesa e se ofereceu para lavar a louça já vestindo o avental, coisa que fez Dona Dalva dizer:

- Pare com isso João, você é nosso convidado, e ainda vamos tomar um cafezinho antes de cuidar da louça.

O aroma do café coado por Dona Dalva, invadia a sala enquanto João conversava com a família, que encantada, ouvia suas histórias pensando em quão atencioso e agradável era o moço. Suas roupas e hábitos eram muito simples, mas seu olhar, profundo e terno. Passado mais de uma hora, João disse que precisava sair, apesar dos protestos de Sara. Agradecido, ele se despediu de todos, alegando que, logo cedo faria uma viagem.

Sara então correu para a cama, torcendo para que logo amanhecesse. Dormiu pensando em que presente o Papai Noel traria. Provavelmente outra boneca, pois não importava o quanto ela desejasse outras coisas, o Papai Noel sempre insistia em trazer uma boneca.



De qualquer forma, sua cama era grande e sempre havia espaço para mais uma. Adormeceu pensando em qual nome daria a mais nova integrante.

Assim que amanheceu, Sara saltou da cama, correu até o presépio e viu um pacote com laço vermelho. Abriu o pacote ansiosa e sim, era outra boneca!





Mas, essa ao menos, tinha os cabelos longos e veio acompanhada de um pente, escova e assessórios. Sara, abraçou a boneca, acariciou suas madeixas e disse:

- Bem-vinda, Dora!

Porém, o que ela viu pela janela chamou muito mais a sua atenção e ela correu para o quarto que dividia com a vó e a acordou, puxando a idosa pelo braço, de forma efusiva:

- Vovó venha, venha! Veja o que o Papai Noel deixou!

Dona Dalva não imaginava que Sara se sentiria tão eufórica com a nova boneca que comprara.

Tão logo abriu a porta da sala, percebeu o real motivo da alegria da menina: sua casinha não só estava reconstruída, mas toda pintada em novas cores, com um telhado em vermelho vivo, e estava bem mais espaçosa, de forma que Sara conseguia passar pela porta sem se abaixar, e dentro, era ampla o suficiente para acomodar mais uma dezena de bonecas além das suas.

Acordados pela gritaria de Sara, José e Maria resolvem ir até o jardim e ficam estupefatos com o que viram, não só pela casinha totalmente reconstruída, mas principalmente pelo enorme e vistoso pinheiro que ocupara o lugar do anterior.

Em seu topo, brilhava um único enfeite natalino: uma estrela prateada.

A grama estava aparada e o jardim tão bem cuidado que ninguém imaginaria







que havia passado por uma tempestade há dois dias. Essa transformação no jardim, em tão pouco tempo era humanamente impossível!

Maria olhou para José que, incrédulo, procurava uma explicação. Então Sara, ao entrar na casinha para ajeitar sua nova boneca, encontrou um bilhete e entregou ao pai para que ele pudesse ler:

“Querida Sara,

Além de ser um ótimo marceneiro como seu pai, eu sou muito amigo do Papai Noel, assim pedi “uma forcinha” a ele para reconstruirmos a sua casinha. Ah! Sim, uma casa nova, merece um novo jardim. Espero que você goste. Obrigada pelos momentos de ontem, sua família é muito especial. Há tempos eu não passava meu aniversário em meio a pessoas tão queridas!

Fiquem com a paz do Senhor.

Com amor,

J.C.”



José leu emocionado o bilhete, pensando em como João Carlos havia feito tudo aquilo, mas em meio à comoção do momento, nem percebeu uma coisa, que foi lembrada por Maria:  
- José! Você hoje andou sem mancar, sua fala está melhor e.... Sua mão direita

está completamente normal!





José olhou com assombro a sua mão direita, abrindo e fechando os dedos, com incredulidade.

Aparentemente estava curado! Ele abraçou a família e lançou um olhar aos céus, e naquele instante teve a absoluta certeza de que o visitante inesperado da véspera, era muito mais do que um homem comum. ★



## SIMONE L. GENARI

SIMONE LOPES GENARI É PAULISTANA, FORMADA EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA FACULDADE CÁSPER LÚBERO E PÓS-GRADUADA EM MARKETING PELA ESPM. É AUTORA DO LIVRO “UM RESGATE DE OUTRO MUNDO”, EDITORA VISEU.





# O ÚLTIMO ROBÔ GIGANTE

GUSTAVO FORTUNATO D'AMICO

O ar no shopping era espesso, uma mistura nauseante de perfume barato, suor e desespero. Era véspera de Natal, e Leo, apesar de todas as promessas feitas em anos anteriores, estava no inferno do último minuto. As portas deslizantes o transportaram para dentro de um pandemônio sonoro. O que estava diante de seus olhos não era mais uma multidão, era um enxame de corpos famintos, movendo-se com a determinação de um enxame de abelhas atrás de seu alvo. Os olhos das pessoas estavam vidrados, fixos em um ponto além das prateleiras, suas expressões vazias de tudo, exceto de um desejo possessivo.

O objetivo de Leo era claro e único: o MegaRobô Gigante 9000, o único presente que seu filho, Alan, de sete anos, havia pedido com fervor quase religioso. Todo o resto, era secundário.

Ele não poderia sair daquele shopping sem ter o robô em suas mãos. Ao entrar na grande loja de departamento do shopping, Leo encontrou um cenário caótico, a seção de brinquedos mais parecia um campo de batalha.







Pais e mães, outrora seres racionais, transformaram-se em predadores.

Em meio à selvageria, Leo viu um homem arrancar um carrinho de controle remoto das mãos de um garoto adolescente com um rosnado gutural. Viu duas mulheres disputando o último conjunto de blocos de montar, puxando a caixa como animais disputando uma carcaça, os dedos brancos de tanto pressionar, os rostos contraídos em máscaras de fúria.

Mesmo assim, compelido por sua honrosa missão, não teve escolha. Ele se moveu como um soldado em território inimigo, seu corpo tenso para receber impactos. Empurrões e cotoveladas eram a linguagem comum. Um homem de terno esmurrou acidentalmente sua costela ao se virar bruscamente, murmurando um “saí da frente” que mais parecia um grunhido. O cheiro do medo e da agressividade era tangível.

Porém, quando começou a acreditar que tinha chegado

tarde demais e que sua missão havia fracassado muito antes de começar, ele avistou, no fundo da loja, um funcionário saindo do estoque com um carrinho. Nele

estavam três caixas do MegaRobô. E entre Leo e seu alvo, uma manada de

cerca de vinte pessoas se aglomerava, um monstro de muitos corpos e um único pensamento. O coração de Leo acelerou. Era agora ou nunca!





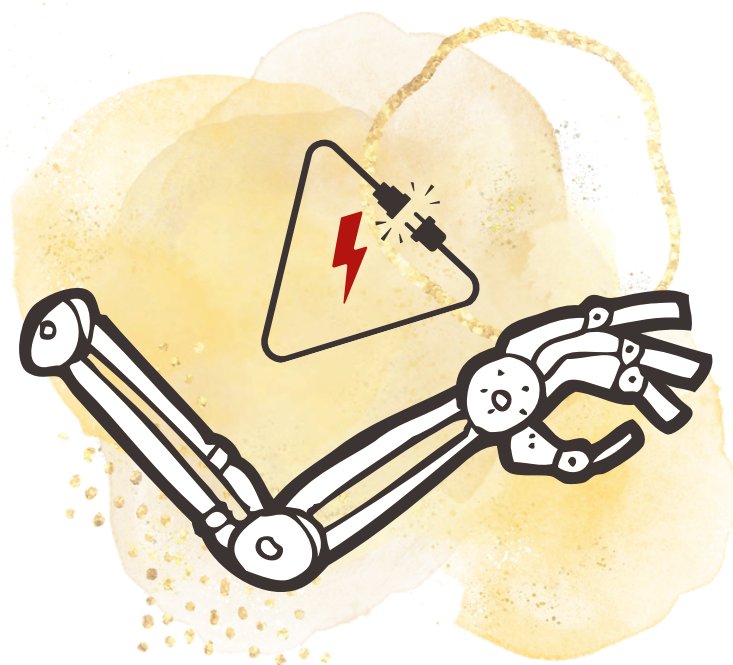


Quando o funcionário pálido, com um gorro de Papai Noel manchado, começou a distribuir as caixas, o caos eclodiu. Não foi uma disputa; foi um motim. Gritos, palavrões, corpos se chocando. Leo se jogou para a frente, suas mãos atingindo o papelão da caixa ao mesmo tempo que as mãos de outra pessoa. Eles travaram uma luta silenciosa e brutal, um cabo de guerra mudo no meio do tumulto. Os dedos dela cravavam-se no seu pulso como pequenas facas. Ele, por sua vez, puxava com toda a força, mesmo enquanto tinha seus tornozelos pisoteados por outros compradores.

De repente, um terceiro corpo esbarrou neles com força. A caixa voou de suas mãos. O tempo desacelerou. Leo viu a caixa de papelão, contendo o objeto de todos os seus desesperos, girar no ar e cair diretamente no caminho da multidão. Um grito de “Não!” morreu em sua garganta.

O estalo seco do plástico foi abafado pelo ruído geral, mas para Leo, soou como um trovão. Parecia que o mundo estava em câmera lenta quando a caixa foi esmagada sob os pés de uma dezena de pessoas que, cegas para tudo, exceto para o próximo item em suas listas, avançava em direção à prateleira agora vazia.

Quando a multidão zumbificada se foi, Leo pôde avaliar os estragos. Em suas mãos restava apenas uma caixa amassada e rasgada, de onde se via o braço cromado do robô, quebrado em um ângulo antinatural.







Diante daquele cenário e da sensação esmagadora da derrota, Leo ficou paralisado, olhando para os destroços. A pessoa contra quem batalhou já havia desaparecido, provavelmente em busca de outra presa. Ele havia falhado. Ele iria decepcionar Alan...

Nesse momento, a imagem do rosto animado de seu filho, brincando com um robô de plástico barato, simplesmente se dissipou diante da realidade. Diante dele havia apenas a visão do presente quebrado no chão sujo do shopping. O espírito natalino não tinha morrido; ele tinha sido pisoteado pela ânsia selvagem de possuir.

A caminho de casa, Leo se torturou repassando uma centena de vezes tudo aquilo que poderia ter feito. Sua mente, inevitavelmente, criava uma série de cenários melhores. Mas no fundo ele sabia que não importava quantos “e se” ele criasse, o fato é que ele não tinha comprado nada.

As ruas silenciosas e as luzes coloridas das casas pareciam uma zombaria. Cada árvore decorada era um lembrete de sua falha.

Ao abrir a porta de casa, o calor e o cheiro de pinheiro o envolveram. Papai!” Alan correu em sua direção, seus olhos brilhando de expectativa.

Ele se ajoelhou, preparado para a decepção, para as lágrimas que certamente viriam. Alan olhou para ele por um segundo, seu rosto pequeno e sério.







Então, ele se lançou nos braços do pai, envolvendo-o em um abraço apertado.

“Tudo bem, papai”, o garoto sussurrou no seu ouvido, sua voz mansa e cheia de uma sabedoria simples. “Você conseguiu chegar em casa. Agora a gente pode brincar de luta de robôs de verdade? Você pode ser o Robô Gigante!”

Leo, diante da inocência do filho, ficou imóvel. O abraço do menino o aqueceu de um frio que nem sabia que sentia. Com os olhos cheios de lágrimas, ele olhou por cima do ombro de Alan e viu sua esposa, sorrindo suavemente da porta da cozinha. Nesse momento, percebeu que seu presente não comprado era completamente irrelevante aos olhos daqueles que amava. O MegaRobô 9000 estava destruído no chão de um shopping. Mas naquele instante, abraçando seu filho, Leo entendeu que o presente mais valioso não era algo que se podia comprar, embalar ou quebrar. Era uma presença. Era poder se ajoelhar no chão da sala e, com um rugido exagerado, se transformar no Robô Gigante que seu filho realmente queria ter por perto. ★

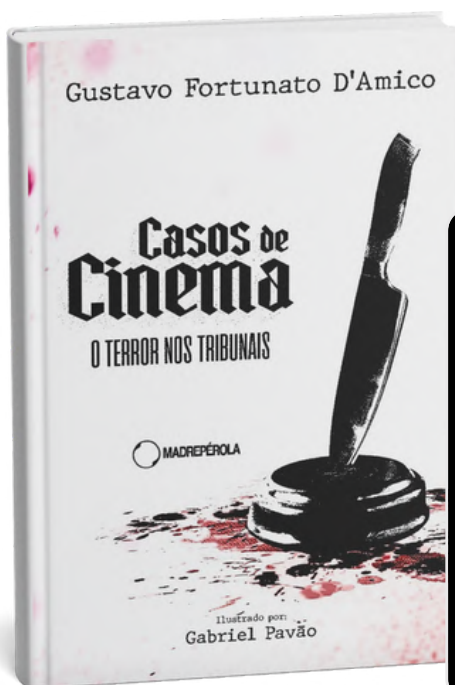
## GUSTAVO FORTUNATO D'AMICO

GUSTAVO FORTUNATO D'AMICO É NATURAL DO PARANÁ. ADVOGADO ESPECIALIZADO EM DIREITOS AUTORAIS E ENTRETENIMENTO, É SÓCIO DA FBC CONSULTORIA JURÍDICA, ATUA TAMBÉM COMO PROFESSOR DE PÓS-GRADUAÇÃO. É AUTOR DO LIVRO “CASOS DE CINEMA - O TERROR NOS TRIBUNAIS”, EDITORA MADREPÉROLA.





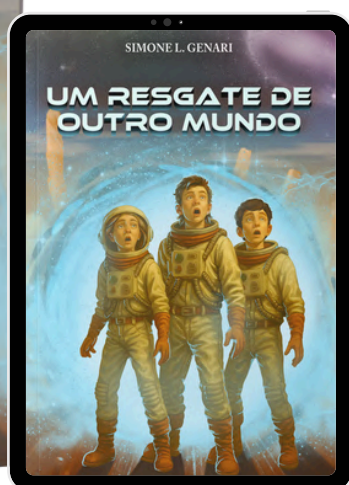
# LEIA COM A CASA



## TERROR

Casos de Cinema  
- O Terror nos Tribunais  
Gustavo Fortunato D'amico  
Editora Madrepérولا  
Lívro físico e e-book

Descubra as disputas jurídicas nos bastidores dos filmes de terror mais famosos de todos os tempos!

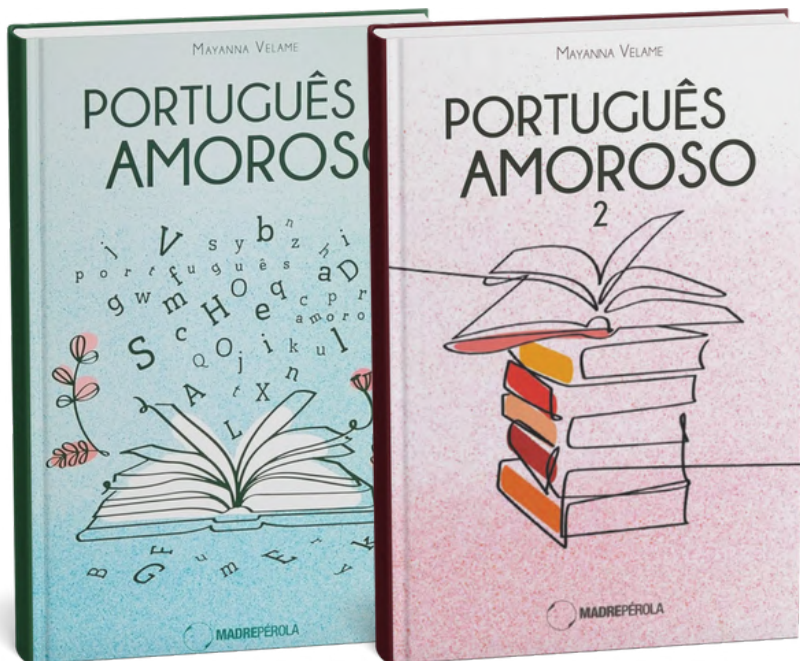


## FICÇÃO-CIENTÍFICA JUVENIL

Um resgate de outro mundo  
Simone L. Genari  
Editora Viseu  
Lívro físico e e-book

Embarque nessa aventura com os irmãos Tom, Léo e Ana para resgatar seus pais em uma viagem espacial!





## POESIA

### Português Amoroso I e II

Mayanna Velame

Editora Madrepérولا

Livro físico e e-book

Livros que unem o ensino da gramática e da literatura de forma inédita, criativa e que dinamiza as aulas.



## TERROR

### O Papafigo

Arturo Catunda

Caravana Editorial

Livro físico e e-book

O personagem da lenda, ainda mais aterrorizante, ronda as festas de São João em busca de novas vítimas.



## POESIA CONTEMPORÂNEA

### Cartas a um (des)conhecido

Cris Casagrande

Editora Madrepérولا

Livro físico e e-book

Sentimentos nunca revelados transcritos em poesias, como cartas nunca entregues aos seus destinatários.





UM FIM  
DE ANO  
ALEGRE E  
CHEIO DE  
LEITURA!

---

CASA

---

PROJETOS  
LITERÁRIOS